

AUDIOVISUAL E ANTROPOLOGIA: UMA EXPERIÊNCIA ANGOLANA¹

Ruy Duarte de Carvalho (Angola)

a) Embora pese a dimensão teórica e prática de que se enriqueceu, nas últimas décadas, o emprego do audiovisual em antropologia e em outras ciências sociais, o universo da antropologia e o do audiovisual continuam a achar-se muito distantes. Para que assim não acontecesse era preciso que a expressão audiovisual e a expressão escrita bebesses das mesmas fontes e propusessem leituras equivalentes, o que de forma alguma é o caso. Ao que acresce a circunstância de que a expressão científica continua a ser, fundamentalmente, tributária do texto. Ora a contribuição mais importante da modernidade tecnológica às ciências sociais, o uso do computador, veio a traduzir-se, precisamente, por um desenvolvimento e por um aperfeiçoamento da técnica do texto. A atenção generalizada e praticamente obrigatória que este meio de trabalho merece hoje pouco ou nada tem a ver, aliás e de fato, com o estremecimento criativo que o uso da câmara, em devido tempo, produziu junto de alguns autores. E importará talvez reconhecer, antes de encarar uma reflexão epistemológica que se impõe, que o uso da câmara é experimentado, por parte do pesquisador, a um nível antes do mais e por assim dizer epidérmico. Sobre o terreno, filmar não é de forma alguma o mesmo que inquirir. Filmar é participar com o corpo, com a inteligência da ação, com uma capacidade de discernimento que tem muito pouco a ver com o processo de reflexão. Quando MacDougall valoriza a circunstância de estar por detrás de uma câmara porque assim próprio está ele empenhado numa ação que liberta a ação dos outros², não pretende dizer, bem entendido, que finalmente as coisas se passam como se o observador não estivesse lá. Ele quer talvez dizer que, mais que para os outros (o Outro), foi para

(1) Ana Mandu, *Les enfants du filet, identité collective, créativité sociale et production de la différence culturelle*. Paris, EHESS, 1986, 390 p. (tese de doutoramento, 3º ciclo).

(2) MacDOUGALL, D. "Beyond Observational Cinema" IN: HOCKINGS, P (ed.): *Principles of Visual Anthropology*. La Haye, Mouton & co., 1975, pp. 109-124, p. 113.

si que a relação mudou. E isto não será afinal senão o ponto de partida para a detecção de diferenças cada vez mais evidentes entre as duas maneiras de observar. Visionar o material filmado não é a mesma coisa que classificar as notas de terreno, a não ser que o audiovisual em antropologia seja aplicado a estudos tão detalhados da expressão física, por exemplo, que se perca de vista o fato de qualquer gesto ou qualquer imagem serem também um dado plástico, agradável ou desagradável, e logo assim ao alcance de um julgamento estético. E mesmo assim: Como não admitir que a certa altura surja um plano dotado de uma carga significante inesperada relativamente aos elementos que o discurso científico pretendia tornar significativos? Estaríamos tentados a admitir que enquanto não faltam os critérios que permitem distinguir um texto demonstrativo de um texto que procura e às vezes encontra em si mesmo as vias da criatividade, independentemente da sua efetiva qualidade literária, não há, em contrapartida, qualquer meio ou técnica capazes de imporem uma leitura única a uma sucessão de imagens em movimento. Um plano ou uma sequência esteticamente conseguidos podem sempre, contra a própria vontade do autor, subverter todo um discurso que se queria demonstrativo e orientado em sentido unívoco.

b) Muito se tem escrito, tanto sobre a necessidade de se dar a palavra ao etnografado, como sobre a ajuda que o audiovisual pode dar nesse sentido. Nós não acreditamos, no estado atual da nossa reflexão, que o audiovisual possa de fato modificar profundamente um discurso antropológico que se quer renovado. Como para tanto também não basta, por outro lado, uma mudança de atitude política da parte de um bom número de investigadores em relação ao seu objeto de estudo.

Nós estamos, antes, de acordo com M.H. Piault quando escreve, recentemente³, que do discurso do etnografado, na realidade, "só podem ser retidos os fatos que conduzam a uma ordenação de sistemas capazes de adquirirem sentido numa interpretação estabelecida segundo os dados universalistas do racionalismo científico". O que, evidentemente, impede qualquer verdadeira comunicação, dado que o discurso científico ("de sentido único"), tem tendência "a absorver os dos outros até mesmo através dos desvios que emprega para os fazer compreender". Eis-nos, assim, confrontados ao próprio método científico, que é onde o feitiço se vira contra o feiticeiro. Esta contradição torna-se ainda mais aguda quando se pretende destinar o filme que se faz à difusão pública. (E que sentido teria afinal dar a palavra ao etnografado, sobretudo quando se trabalha sobre a atualidade cultural, social, e, logo assim,

(3) PIAULT, M.H. "L'intuition anthropologique" IN: *Afrique Plurielle, Afrique Actuelle, Hommage à Georges Balandier*, Paris, Editions Karthala, 1986, pp. 91-102, p. 96.

política, se não se lhe assegurasse, simultaneamente, a difusão?). A preparação de um trabalho que se pretenda publicamente consumível não pode dispensar operações de montagem. E não se trata, na realidade, de uma só montagem. Há duas, pelos menos. A primeira precede o registro do material fílmico -seleção e planificação das tomadas de vista. Segue-se aquela que articula os planos obtidos. Pelo que, mesmo que prevaleça uma firme vontade anti-manipuladora, a preparação para consumo dos discursos recolhidos não pode deixar de obrigar à organização da sua forma. E nós bem sabemos que, em se tratando de forma e de conteúdo...

c) Duas palavras, não mais, sobre dois famosos atributos do audiovisual em antropologia: a profilmia e a observação diferida e/ou participante.

Não pomos em dúvida, é claro, o interesse que possa ter a possibilidade de repelir um número indeterminado de vezes a observação de uma dada situação, sobretudo se é possível fazê-lo na companhia e com a participação dos próprios atores sociais e dos informantes susceptíveis de assegurar maior rendimento ao material. Os benefícios são evidentes. É preciso no entanto não perder de vista que tal processo implica a participação de pelo menos três categorias de intervenientes, nem todos implicados da mesma forma na colaboração em curso. A utilidade (e a utilização) de uma observação diferida dependerá fundamentalmente da natureza do fato registrado. Essa mesma natureza, inscrita na do tema de pesquisa, decidirá da oportunidade em fazer intervir no visionamento os informantes e em transformar os próprios atores em observadores. As potencialidades parecem-nos no entanto bem limitadas, surpreendentemente limitadas, na realidade, se são tidos como referência os generosos resultados que a literatura da especialidade deixa prever. É verdade que trabalhar com material vídeo assegura a possibilidade de visionar no próprio terreno e de imediato tudo quanto se registrou. Mas é também verdade que nem sempre os atores que se deixaram filmar se mostram da mesma forma disponíveis para comentar a sua própria imagem e o seu comportamento, sobretudo quando se trata de situações que implicam julgamentos sobre imagens e comportamentos coletivos, que envolvem portanto outras pessoas, outros indivíduos. Isto é quase sempre evitado. A estratégia, portanto, nem sempre funciona. Poucas vezes obtivemos, por esta via, informações que excedessem as obtidas pelos recursos clássicos. E se, ainda assim, perseverávamos, era para verificar a curto prazo que para além de uma ou duas sessões de visionamento o material acabava por aborrecer mortalmente as pessoas, donde resultava vê-las afastarem-se progressivamente mesmo das sessões inéditas. O pesquisador acabava por se ver rodeado apenas pelos seus informantes habituais e pela miudage. Os atores tinham mais que fazer do que ficarem a observar a sua própria imagem desenvolvendo ações que eram afinal as do seu quotidiano.

No que toca à profilmia (comportamentos que o próprio ato da filmagem desencadeia e que podem mostrar-se muito reveladores) ela é um fato, ninguém o nega, mas de uma forma tão caricatural, por vezes, que então nós não vemos outra solução que não fosse a de fazer um filme sobre a própria profilmia. Se voltássemos a filmar um Kakulo⁴, destinaríamos talvez todos os cassetes disponíveis ao registro dos discursos, todos mais ou menos "políticos", que a presença da "televisão" desencadeia. Não se trataria, então, de combinar o audiovisual e a antropologia em função de determinado assunto, mas antes de fazer, por essa via, uma antropologia do audiovisual em antropologia - ou ainda, o que nos pareceria mais sedutor, uma antropologia do audiovisual enquanto acesso à expressão, a certa forma de expressão garantida por um meio adequado, para os "de baixo", à veiculação da sua palavra em direção "aos de cima".

d) Os parágrafos precedentes não fazem senão retomar, com a brevidade conveniente, a crítica que temos dirigido a um certo discurso produzido nos terrenos da chamada antropologia visual⁵. Não pomos absolutamente em questão a importância, quer para a prática da antropologia, quer para a aventura cinematográfica, de um instrumento tão específico e válido como a utilização combinada do audiovisual e da antropologia. Continuamos a afirmar que os antropólogos têm tudo a ganhar com a utilização de um processo de documentação que apreende simultaneamente o espaço e o tempo, a palavra e o gesto, o verdadeiro e o falso, o real e o imaginário, que registra a imagem e o som e os arquiva, expõe, difunde e, se sonhar é permitido, os perpetua. E os cineastas, sobretudo se operam no seio de formações sociais tais como a nossa, poderão de fato dispensar, se querem apreender com seriedade a sociedade em que trabalham, uma preparação que faça apelo, entre outros, a conhecimentos de antropologia. Após o que, para continuar a debater esta questão, teríamos que retomar a problemática que envolve a prática do cinema e da antropologia entre nós, agora e aqui⁶. O que, evidentemente, é outra história.

(4) *Kakulo* - Prática de culto aos gênios do mar, *landa*, levada a cabo na faixa costeira luandense pelos pescadores Axiluanda.

(5) Ver nossos trabalhos anteriores: *Nelisita, un film angolais*, E.H.E.S.S., mémoire de diplôme, 1982, 137 p; *Cinéma et Anthropologie au-delà du film ethnographique*, E.H.E.S.S., mémoire de D.E.A., 1983, 74p. *O Camarada e a Câmera*, Luanda, INALD, 1984, 93 p.

(6) Angola, 1986.